

**ANAIS DO II COLÓQUIO DO LAHES:
MICRO HISTÓRIA E OS CAMINHOS DA
HISTÓRIA SOCIAL**

Comissão Organizadora:

Prof^a Dr^a Carla Maria Carvalho de Almeida (UFJF)

Prof^o Dr Cássio Fernandes (UFJF)

Prof^a Dr^a Mônica Ribeiro de Oliveira (UFJF)

Prof^a Dr^a Sônia Maria de Souza (UFJF)

Promoção:

Laboratório de História Econômica e Social

Programa de Pós-graduação em História da UFJF

Apoio:

Pró-Reitoria de Pesquisa

Instituto de Ciências Humanas

FAPEMIG

CAPES

Editoração:

Bianca Portes de Castro

Ficha Catalográfica:

II Colóquio do Laboratório de História Econômica e Social (2008: Juiz de Fora, MG). Micro História e os caminhos da História Social: Anais / II Colóquio do LAHES; Carla Maria Carvalho de Almeida, Mônica Ribeiro de Oliveira, Sônia Maria de Souza, Cássio Fernandes, organizadores. Juiz de Fora: Clio Edições, 2008, <http://www.lahes.ufjf.br>.

ISBN: 978-85-88532-29-8

1. História 2. História Econômica e Social. I. Carla Maria Carvalho de Almeida. II. Mônica Ribeiro de Oliveira. III. Sônia Maria de Souza. IV. Cássio Fernandes.

OS SOLDADOS DA FEB: A ZONA DA MATA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Marcos Antonio Tavares da Costa*

Introdução

Em 16 de julho de 1944, os primeiros cinco mil homens de um total de vinte e cinco mil que formaram a Força Expedicionária Brasileira (FEB) chegavam na Itália pelo porto de Nápoles, para lutar ao lado dos aliados na 2ª Grande Guerra.

Saídos de diversas regiões do Brasil, formaram um grupo heterogêneo do ponto de vista social e cultural, porém, com o tempo e a experiência nos combates, foram se caracterizando como soldados brasileiros, na forma de viver a guerra. Cada homem, no entanto, continuava com suas peculiaridades trazidas de sua formação.

Para compreender um expedicionário é necessário antes entender qual são as suas raízes. Saber qual é o seu povo, como era sua vida, como era sua família.

Este artigo, fruto de uma pesquisa em andamento, tem por finalidade, por meio de uma análise micro-histórica em fontes jornalísticas e em depoimentos de veteranos, compreender como uma população de uma pequena cidade do interior de Minas Gerais trabalhou em prol dos soldados oriundos de sua região e acompanhou com interesse a participação brasileira no maior conflito armado da História.

A Força Expedicionária Brasileira: os soldados-cidadãos

Em 15 de agosto de 1942, o *Baependi*, navio mercante brasileiro, navegava tranquilamente na costa entre Salvador e Maceió quando foram sentidas explosões em seu casco. Rapidamente, envolto na escuridão da noite, a embarcação afundava com seus 73 tripulantes e 233 passageiros, sendo 124 militares. Destes, somente 36 pessoas saíram com vida para serem testemunhas do horror que viveram. Naquela mesma noite, às 21 horas, outro navio, o *Araraquara*, a pouco mais de 30 quilômetros de Aracajú, também levava ao fundo do

* Aluno do PPG em História da UFJF. E-mail: angel.marcos@oi.com.br

mar 131 pessoas que ainda desconheciam o perigo que rondava as viagens ao longo da costa marítima brasileira.¹

Aqueles foram os primeiros ataques de submarinos alemães aos indefesos navios mercantes do Brasil em nossas águas territoriais. Os primeiros afundamentos, no entanto, já tiveram início em fevereiro, em pontos distantes do País. Foi, também, o começo de um processo diplomático e político, com forte participação da população, que culminou na declaração de guerra do Brasil à Alemanha e à Itália, em 31 de agosto daquele ano.

Seguiram-se, então, mais medidas para preparação do País em vistas das conseqüências que uma declaração de guerra pode trazer. Nisso, o presidente Getúlio Vargas, por meio do decreto nº 10451, de 16 de setembro de 1942, ordena a mobilização nacional, de meios e de pessoal. O Brasil entrava no “esforço de guerra”, entrava definitivamente na Segunda Guerra Mundial.

Mesmo com a Guerra ocorrendo na Europa, na Ásia e na vizinha África, o Brasil não possuía uma Força Armada preparada para executar a defesa de seu território, tampouco para combater de igual para igual com os agora inimigos alemães e italianos. Naquele momento, inclusive, a preocupação primordial era a defesa da costa marítima, pois além desse curto objetivo, qualquer outra ação era mais do que impensável. O país possuía um Exército de 60 mil homens, apesar de já ter uma população de 50 milhões. Seus militares estavam espalhados por muitos quartéis em todo o território, mas se encontravam em maior concentração no Rio de Janeiro, em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Havia também o problema de escasso material militar, mesmo os básicos, como capacetes e mochilas, além de armamentos sem padronização e antigos, oriundos principalmente da Alemanha, da França e da Inglaterra. Para completar, a doutrina de guerra, que compreende todas as técnicas que os militares utilizam para combater, tinha a origem na Escola Francesa, baseada na concepção de uma defesa forte, e que dois anos antes tinha se mostrado ultrapassada, devido às inovações promovidas pelos nazistas com o advento da Blitzkrieg, que adotava o princípio do ataque, do fogo das armas e do movimento de blindados apoiados por aviões.²

A Marinha e a recém-criada Força Aérea também se encontravam em situação de necessidade de reestruturação em seus quadros de pessoal e sua capacidade material.

Com o auxílio financeiro e militar dos norte-americanos, o Brasil rapidamente recebeu novos materiais, principalmente de defesa naval, devido ao perigo dos ataques dos submarinos e da proximidade com a África, onde ainda se desenvolviam os combates. Apesar

¹ BRANCO, Manoel Thomaz Castello. O Brasil na II Grande Guerra. Rio de Janeiro: Bibliex, 1960.

² Id.

disso, continuávamos carentes de melhoria de meios militares para cumprir os deveres de proteção da soberania e da população. Ampliou-se, também, o intercâmbio, fazendo com que novas técnicas fossem-nos transmitidas para a atualização da moderna forma de combater que era praticada nos campos de batalha.

O Exército decidiu que necessitava ampliar seus efetivos para estar pronto às eventuais necessidades futuras, como uma invasão alemã ou o envio de tropas para a Guerra, ainda que em 1942, nenhuma dessas hipóteses era concreta. Ao longo deste ano, o efetivo em homens atingiu o número de 180 mil militares, 3 vezes mais do que antes da declaração de guerra. Em todos os quartéis do território, jovens eram incorporados às centenas, sargentos e oficiais eram formados nas próprias unidades e não nas escolas tradicionais, diante da demanda de mais profissionais. Somente aqueles que trabalhariam em áreas mais especializadas, como os enfermeiros e os técnicos em moto-mecanização, eram formados em órgãos destinados para esse fim. Naquele ano de 1942, todos os jovens que ingressaram nas Forças Armadas, voluntários ou não, para cumprir o serviço militar obrigatório, foram obrigados a permanecer até que o estado de beligerância fosse suspenso.

Em Juiz de Fora, o quartel do 12º Regimento de Infantaria (RI) incorporava todos os anos um grande número de voluntários de cidades vizinhas menores, com a finalidade de completar os seus contingentes, haja vista, inclusive, que a própria cidade possuía necessidades de pessoal para o seu pólo industrial.

São João Nepomuceno em 1942 possuía em torno de 22 mil habitantes,³ sendo uma pequena localidade rural em que os homens jovens não vislumbravam grandes formas de ascensão profissional e pessoal. A alternativa de morarem em Juiz de Fora e se empregarem em uma de suas fábricas era vislumbrada desde cedo por essas pessoas. Antes, porém, tinham que cumprir suas obrigações com o Serviço Militar, como relatou José Maria da Silva Nicodemos:

(...) Aí fomos embora para São João Nepomuceno, nesta altura do tempo morado em Taruasú, meu pai montou um pequeno armazém, uma vendinha, foi uma parte de minha vida lá, fomos pra São João e em São João a gente continuou...aí vieram as irmãs, irmãos e tudo...e ..eu comecei a aprender a profissão de alfaiate. Essa altura já com vinte anos, a maioria de meus companheiros de idade lá de São João já estavam no Exército e era o documento principal daquela época era o certificado de reservista. Aí em outubro de 1942, aí eu falei pros meus pais: ‘Não adianta eu ..de qualquer forma eu tenho que adquirir o certificado, quem sabe amanhã eu vou querer sair pra ali e vão me pedir...’. Não houve objeção nenhuma, eu me apresentei voluntariamente no 12. e aí eu permaneci (...)’⁴

³ Anuário Estatístico do Brasil, 1946, Rio de Janeiro IBGE, V 7, 1947. Disponível em: < www.ibge.gov.br > Acesso em 02 Jul, 2006

⁴ NICODEMOS, J.M.S. **José Maria da Silva**: depoimento [Dez 07]. Entrevistador: Marcos A. T. da Costa. Juiz de Fora, 2007. 2 cassetes sonoros.

Na mesma época, o governo Vargas trabalhava para definir a CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas), que reunia toda a legislação relativa aos empregados e empregadores do País. No entanto, o Certificado de Reservista, documento que comprova o cumprimento do serviço militar, ainda possuía grande prestígio na obtenção de um emprego na área civil, pois este presumia que o jovem estava apto a aceitar ordens, que era disciplinado, com boas noções de organização, que possivelmente havia aprendido alguma profissão de interesse para a empresa e, principalmente, que era responsável pelos seus atos. A determinação em suspender o licenciamento de todos os soldados incorporados a partir de 1942 frustrou os planos de muitos que pensavam que o ano no quartel seria breve.

José Maria em seu depoimento fala de sua intenção de entrar para o Exército com a finalidade de obter o certificado, e que não era voluntário para ir para a guerra. Saído de uma localidade rural, com poucas informações sobre o processo que se desenrolava envolvendo o Brasil e os países do Eixo e tendo seu pensamento voltado para o seu futuro como homem, preocupado em trabalhar para sustentar-se e prosseguir na vida, José Maria caminhou rumo a um caminho que mais tarde se mostraria ainda mais complicado. Com um objetivo curto e definido de obter um documento que comprovasse sua idoneidade, passou a permanecer como massa de pronta resposta em caso de agravamento do conflito. A partir de 1943, sua situação apresentou mais um ponto de inflexão, quando após acertos diplomáticos e militares entre o Brasil e os Estados Unidos, ficou decidido pela cooperação militar e a formação de três divisões brasileiras para atuar em um local a ser definido. Desta forma, a primeira divisão seria formada basicamente com os quartéis do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, mas reforçada com pessoas de todo o País.

O quartel de São João Del Rei, o 11º Regimento de Infantaria, foi a Unidade escolhida em Minas Gerais para formar uma das tropas – base da Força Expedicionária. A pequena população da cidade, em torno de 45 mil, ⁵ não seria suficiente para completar um efetivo de mais de 3000 homens. Juiz de Fora e Belo Horizonte, com 104 e 211 mil habitantes respectivamente⁶, foram chamadas para enviar cerca de 1600 homens para completar o efetivo daquele regimento. Desta forma, o 12º RI, então, foi convocado a enviar pouco mais de 200 homens, e entre eles estava José Maria, agora cabo com função de chefe de peça do morteiro 60mm. Com ele mais quarenta e um indivíduos nascidos em São João Nepomuceno seguiriam

⁵ Anuário Estatístico do Brasil, 1946, Rio de Janeiro IBGE, V 7, 1947. Disponível em: < www.ibge.gov.br >. Acesso em 02 Jul, 2006

⁶ Id.

para a Itália a partir de 1944, número que impressiona, pois em Juiz de Fora, segundo relatos, apenas vinte e cinco homens fizeram o mesmo.

Visão semelhante teve um conterrâneo seu: Geraldo Rodrigues. Ele que foi sargento do único pelotão de sepultamento da FEB, também tinha outra intenção ao se apresentar para cumprir o seu tempo de serviço, conforme nos relatou:

03 de março de 1942 (ano de incorporação). Meus pais moravam em São João Nepomuceno. Eu tinha o ginásio, podia fazer o CPOR, mas meus pais não tinham condições de me manter em Juiz de Fora. Aí fui voluntário para o 12º RI. No dia 03 de março incorporei na 1ª Companhia, no 1º pavilhão. Recebi o número 522. Logo em seguida veio o curso de cabo, em julho fui promovido à cabo e fui depois fazer o curso de sargentos. Nós éramos 60 cabos fazendo curso e nós íamos para cima, para o Norte. Mas veio a Guerra e nós ficamos por aqui, porque foi aumentando o efetivo. Mas alguns amigos foram para o Norte.⁷

A formação da tropa que embarcou para lutar foi marcada por dificuldades de organização sobre quem poderia ser convocado, quais regiões do Brasil teriam seus quartéis escolhidos, onde seria o treinamento, quando seria o embarque, onde iriam combater e qual seria sua missão. Dúvidas e erros marcaram esta fase e trouxeram consequências para o início das atividades em solo estrangeiro, pois tempo de treinamento infrutífero foi perdido, homens que não tinham condições de enfrentar tamanha responsabilidade foram convocados e a falta de confiança dos combatentes, na hora na partida, em tomarem parte de algo digno e importante só foram dissipadas quando os primeiros tiros e vitórias aconteceram nos campos de batalha.

No dia 29 de junho de 1944, vinte e três dias após o Dia D, onde tropas americanas, inglesas e canadenses realizaram o ataque à Normandia com a finalidade de retomar a França dos alemães e iniciar a ofensiva aliada em direção à Berlim, no porto da então capital federal do Rio de Janeiro, um navio americano para transporte de tropas aguardava ordem para conduzir a primeira tropa latino-americana para a 2ª Guerra. Geraldo Rodrigues lembra bem daquele dia e nos relatou da seguinte forma os acontecimentos:

O capitão virou e nos disse: ‘você podem ir para o Rio, procurem cartório, façam procuração de herdeiro para pai e mãe e às 0400 horas (da tarde), eu vou colocar vocês em forma’. Não faltou um às 0400 horas da tarde. Isso foi dia 29 de junho. Fomos ao rancho e às 0900 horas, entramos em forma com o saco A.. Descemos o Capistrano, entramos no 1º RI, entramos numa composição hermeticamente fechada, não podia abrir uma janela. Quando foi meia-noite, chegamos no porto. Ninguém sabia nada. Chegamos na praça Mauá. Em frente, aquele baita navio: era o general Meigs. Fomos a última tropa a entrar. Fiquei em um dos compartimentos de 24 homens, oito beliches.

⁷ RODRIGUES, G.T. Geraldo Teixeira: depoimento [Dez 04]. Entrevistador: Marcos A. T. da Costa. Juiz de Fora, 2007. 2 cassetes sonoros.

*Uma parte do 11º RI foi para o Recreio dos Bandeirantes, ficou no Capistrano só quem ia embarcar: 01 pelotão de morteiro pesado, a metade de uma companhia de fuzileiros, a companhia de obuses. Entramos no navio e ficamos até o dia 02 de junho e aí é que ele zarpou. Éramos 5054 soldados naquele navio. (...) nem o comandante do navio sabia para onde ia, era o que se comentava no navio, ele ia abrindo os envelopes que davam o itinerário, ninguém pensava nisso, eu não pensava em nada, se ia morrer, se ia viver. Parece que fizeram uma lavagem cerebral na tropa. (...) No dia 16 de julho, às 15:30 h, estávamos em Nápoles(...).*⁸

A partir da chegada na Itália, a FEB entraria definitivamente na guerra, não importando se estivesse bem preparada ou não, se seus homens estivessem ou não motivados, se conhecessem ou não todas as características do ambiente em que estavam inseridos. Com a chegada dos primeiros cinco mil homens, cada um faria sua parte e, enquanto isso, no Brasil, os familiares, amigos e toda uma população da pequena cidade de São João Nepomuceno se mobilizavam para fazerem, também, a sua parte, da melhor forma que pudessem.

São João Nepomuceno de olho na Guerra

A partida de vários moradores de São João Nepomuceno foi motivo de orgulho e de preocupação para a cidade. O orgulho por ter representantes em um evento digno de heroísmo e que há anos chamava a atenção de todo o Mundo; e preocupação pelo perigo natural que a guerra traz. Nesta cidade, a Guerra tornou-se o assunto de todos os dias, seja pelas notícias dos jornais e rádios ou pelas cartas que chegavam, pois quase todos os militares que estavam na FEB eram conhecidos por algum de seus moradores. O jornal local *A Voz de São João* divulgava as informações que eram primeiro difundidas pelos principais jornais do País e do exterior, haja vista que não possuía correspondentes de guerra ou contrato com agências de informações. Mesmo assim, estava sintonizado com os eventos dos combates, dando ênfase para fatos que envolvessem militares da região.

Em 16 de setembro de 1944, a FEB entrava em combate pela primeira vez, na região conhecida como Linha Gótica. Em 01 de outubro, *A Voz de São João*, assim informou seus leitores:

⁸ Id.

O PRIMEIRO SOLDADO BRASILEIRO A ACIONAR UM CANHÃO CONTRA OS NAZISTAS

Em sua vitoriosa campanha na Linha Gótica os brasileiros continuam empenhados em diversas operações importantes, sendo que sua atividade tem merecido os maiores elogios de ilustres chefes militares aliados.

Segundo notícias divulgadas pela imprensa mundial, os brasileiros conquistaram várias cidades italianas, que se achavam em poder dos nazistas, sendo que os nossos soldados lutam na parte ocidental da famosa Linha Gótica.

Foi o soldado José Maria Alves Torres, de Viçosa, e que é bastante conhecido nesta cidade, que primeiro acionou um canhão contra os nazistas, atirando-lhes a primeira granada brasileira, como início da luta, nos campos de batalha contra os inimigos da humanidade.

Os jornais brasileiros têm dado grande destaque a esta façanha de nosso jovem compatriota.⁹

A população não ficou apenas na passividade de esperar por informações. Por meio de uma iniciativa tomada pela LBA (Legião Brasileira de Assistência), em muitos lugares foram formados grupos de apoio aos expedicionários na guerra. Desconhecendo a farta logística americana que apoiava os brasileiros, estes grupos procuravam recolher doações de alimentos não perecíveis, roupas e artigos de higiene ou de uso pessoal para que fossem enviados para a Itália. Roupas para o frio e cigarros eram os mais solicitados. No início não eram recebidas doações em dinheiro, mas com o decorrer do tempo, estes também passaram a ser aceitos.

A intenção era enviar por meio do serviço postal da FEB o material recolhido para que fosse redistribuído para os soldados. Não somente em São João Nepomuceno esta atitude foi tomada, no entanto, apesar da boa intenção em fazer algo em prol da tropa que estava na Guerra, de acordo com os relatos de veteranos e com observações no livro *A FEB pelo seu Comandante*,¹⁰ do Marechal Mascarenhas de Moraes, o serviço postal não conseguiu, por motivos de transporte, enviar a grande quantidade de doações que chegavam de todo o Brasil. Até porque a maioria dos artigos doados não estava em falta para os brasileiros, pois eram fornecidos pela cadeia de suprimentos norte-americana.

Ainda em 01 de outubro, *A Voz de São João* publicou o seguinte:

DÊEM PRESENTES AOS COMBATENTES

Pela exma. sra. D. Rosa de Lima Mendonça Henriques, presidente do Centro Municipal da L.B.A, por incumbência da exma. Sra. Odete Valadares Ribeiro, d.d. presidente da Comissão estadual daquela benemérita instituição, foi designada a comissão de senhoras de nossa sociedade, incumbidas de angariar donativos para os soldados brasileiros que se acham no front.

(...) Estas madrinhas dos combatentes que são senhoras afeitas à prática do bem e cujos corações vibram de entusiasmo patriótico pela santa causa do Brasil, têm a incumbência de angariar donativos para os nossos irmãos combatentes.

⁹ O primeiro soldado brasileiro a acionar um canhão contra os nazistas. **A Voz de São João**, São João Nepomuceno, p. 1

¹⁰ MORAES, João Batista Mascarenhas de. *A FEB pelo seu comandante*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1946.

*(...) Não podemos negar nosso donativo àqueles que estão se sacrificando por nós, na Europa.
Um donativo, mesmo valioso, comparado ao que os nossos soldados têm feito por nós, é o mesmo que uma gota comparada a um oceano.
Então, sanjoanense, adquira o seu donativo e o entregue à Comissão encarregada da coleta.
Ninguém, certamente, faltará no seu dever, nesta campanha de boa vontade, de carinho, de patriotismo.
A partir de amanhã, serão procurados os presentes.
Portanto, compre-os desde já, sanjoanense!¹¹*

Visto como uma tarefa feminina naquele momento, o recolhimento de donativos para a FEB era a maneira da sociedade da cidade contribuir para a vitória aliada na Guerra, ainda que não soubessem que essa ação era inócua quanto ao seu resultado. O artigo lembra das virtudes dessas senhoras que disponibilizam seu tempo para essa finalidade, entendendo como um dever patriótico e relacionando a luta dos soldados com a religião, ao apontar como “santa causa” a missão brasileira, procurando dar a conotação de dever para o cidadão e para o homem temente à Deus. Para esse cidadão, mais que uma caridade, sua contribuição para com a FEB era uma obrigação, e segundo podemos deduzir do texto, a comissão de senhoras pressionava para que todos participassem. O material recolhido era enviado para a LBA de Belo Horizonte para que daí fosse enviado para o Rio de Janeiro e, após, para a Itália.

Na Voz de São João de 31 de dezembro de 1944 foi noticiado que naquela semana a Comissão havia enviado para Belo Horizonte um caixote de 51 quilos de material, onde se destaca a presença de 652 maços de cigarros, um artigo que realmente era valorizado entre os soldados e que era distribuído pela administração da FEB. Em contrapartida, apenas duas escovas de dente foram doadas, fato que explica a pouca importância dada pela sociedade da época para a higiene bucal, motivo de grandes problemas para os comandantes da Força antes e durante a Guerra. Independente disso, a mobilização da pequena cidade foi positiva, afinal cada um que contribuiu ou ajudou no recolhimento dos donativos, acreditou que fazia sua parte para o “esforço de guerra” e para ajudar seus conterrâneos em combate.

Trabalhar para o apoio em material para FEB foi uma maneira digna e clássica para a sociedade daquela cidade, mas que não requer grandes comprometimentos de ordem material ou pessoal. Afinal eram objetos adquiridos na esquina em qualquer vendinha. Mas o que dizer do apoio às famílias que tinham seus parentes na Itália? A falta de uma preparação psicológica dos militares e de seus familiares foi um dos pontos negativos da FEB, cujo governo federal não soube instruir a população para que compreendesse a envergadura do

¹¹ Dêem presentes aos combatentes. A Voz de São João, São João Nepomuceno, 21 Out. 1944, p. 2.

evento que todos, e não somente os soldados, estariam participando. Em São João Nepomuceno, observamos que quando um amigo do senhor José Maria veio a falecer em combate, a rede de amizades e solidariedade não poderia ser pensada apenas em coletas de cigarros e artigos de higiene, pois com a morte nada disso tem importância. No dia 21 de janeiro de 1945, o jornal da cidade noticiou desta forma o falecimento de José Garcia Lopes Filho:

SOLDADO JOSÉ GARCIA

A cidade recebeu, com a mais profunda mágoa (sic), a notícia do falecimento, no campo de batalha, na Itália, do nosso estimado conterrâneo, soldado José Garcia Lopes Filho, que integrava o primeiro escalão da Fôrça Expedicionária Brasileira que chegou em Nápoles no meado do ano passado.

*Logo que se divulgou entre nós a contristadora (sic) notícia, grande foi o número de pessoas que compareceram à residência da progenitora do glorioso expedicionário, a qual foi quem recebeu a comunicação do Ministério da Guerra (...)*¹²

Não havia por parte do Ministério da Guerra algum órgão que fosse responsável para prestar o devido apoio psicológico e espiritual para a família do militar da FEB, seja para suportar a ausência durante o período em combate, seja para o grave momento que é a perda pela morte. José Garcia havia sido designado para o 9º Batalhão de Engenharia de Combate e trabalhava na remoção de minas terrestres quando foi alvejado por estilhaços de granadas de artilharia. O fato em si já vem com grande carga de emoção e desespero para a mãe que, já viúva, entregara o filho para a Guerra e em troca recebia uma carta comunicando a sua morte. Naquele momento, toda a cidade sentiu a perda e procurou confortar a família, segundo foi noticiado pelo jornal e relatado por José Maria. Missas foram celebradas, doações foram feitas e apoio daqueles amigos e vizinhos mais próximos foram as ações que procuraram atenuar a perda, ainda mais que àquela altura não se sabia se os restos mortais viriam ou não para o Brasil. Somente em 1956 é que eles foram trazidos do cemitério de Pistóia e depositados no Monumento ao Expedicionário, na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro.

A partir da morte de José Garcia, o jornal *A Voz de São João* tomou uma interessante decisão: criou uma seção para publicar as cartas que os expedicionários da cidade escreviam para os seus familiares. As cartas eram devidamente autorizadas para a publicação e editadas para se evitar divulgar fatos íntimos ou confidenciais, apesar de não haver nas cartas brasileiras palavras que fossem ofensivas ou críticas, já que a Censura Postal Militar se encarregava de censurar o que não era permitido, antes mesmo da correspondência chegar às mãos do destinatário. Desta forma, porém, toda a população conseguia saber como estava

¹² Soldado José Garcia. Ib, 21 Jan. 1945, p.2.

passando o fulano ou sicrano que era seu vizinho, ou o que o filho da senhora dona da mercearia estava achando da guerra. No trecho da carta abaixo transcrita, dois irmãos combatentes, fato raro dentro da FEB, João e Nestor, escrevem notícias confortadoras aos seus pais:

NOTÍCIAS DOS EXPEDICIONÁRIOS

Prosseguimos nesta seção, publicando notícias dos expedicionários sargentos João e Nestor Rezende.

Em uma sua carta de 16 de fevereiro dirigida a seus pais, dizem: “ aqui graças a Deus estamos bem de saúde. A neve está quase (sic) desaparecida e tudo está ficando verde novamente. Parece que a primavera está chegando mais cedo do que estava sendo esperada. As últimas notícias que temos lido são muito boas, e todos aí já devem ter conhecimento delas. Temos esperança de rever, muito breve, todos os nossos. Quando escreverem às crianças, diga-lhes que é muito bonito, aqui, ver as crianças tomando conta dos rebanhos que pastam. Faz gosto vê-las rolando pela relva enquanto os carneiros pastam. Quem vê êsses quadros, pensa estar muito longe da guerra. As crianças daqui já se acostumaram com ela”.¹³

O jornal tinha tiragem semanal e até a chegada da FEB, em meados de setembro de 1945, cartas e outras notícias que vinham sobre os expedicionários da cidade eram sempre publicadas em suas páginas. O teor da carta acima é pouco revelador sobre como se passava o dia-a-dia dos combates na guerra. Sempre esperamos, como leitores e historiadores, esperar por fatos terríveis ou relatos de acontecimentos espetaculares envolvendo ações de tropas, aviões, canhões, entre outros. Todavia, os expedicionários em geral escreviam orientados sobre regras rígidas da Censura Postal Militar, que determinava o que podia ou não ser escrito.¹⁴ Além disso, muitos não tinham o hábito e o tempo suficiente para isso, além da questão de muitos outros serem analfabetos. Então, ao se comunicarem com suas famílias, transmitiam a visão das novidades que presenciavam, de que estavam bem e das saudades que sentiam de casa. A neve e as paisagens italianas, como acima registradas, eram fatos comuns nas correspondências vindas para o Brasil.

Ao longo dos meses de fevereiro até maio de 1945, a FEB foi cumprindo todas as missões que lhe eram atribuídas, colhendo vitórias, ganhando experiência, perdendo homens mortos ou feridos, mas, sobretudo, disposta a “assumir seu quinhão de responsabilidades”, como afirmou o General Mark Clark, Comandante do V Exército Americano, ao qual os brasileiros estavam subordinados.¹⁵

Em 08 de maio a Guerra chegava ao fim na Europa, mas a missão dos brasileiros continuava com a tarefa da estabilização do pós-guerra, a fim de dotar a Itália de capacidade

¹³ Notícias dos expedicionários. Ib, 08 Abr, 1945, p. 2.

¹⁴ Costa, M.A.T. da. A Censura Postal Militar: a política do Estado Novo na correspondência de guerra da FEB. **Virtú**. Disponível em: www.virtu.ufjf.br

¹⁵ CLARK, Mark W. **Risco Calculado**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1970. p. 426.

em se auto-administrar após a saída das tropas. Em agosto a Guerra no Pacífico também chegara ao fim com a bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki, chegara ao fim também, a participação dos brasileiros na maior das guerras. Era a hora de voltar para casa.

A vinda, como a ida, era feita por escalões de viagem, pois não era possível trazer a todos de uma só vez. Em São João Nepomuceno a cada chegada de um militar, havia uma confraternização com seus familiares e amigos e uma visita de uma Comissão Municipal formada somente para este fim. O jovem tornava-se o centro das atenções da cidade, todos estavam ávidos em saber da boca do herói como tinha sido a luta contra os nazistas, como era a Itália, se sentiu medo, entre outras informações.

Mais uma vez, o jornal deixou registradas as chegadas de cada um dos expedicionários, como a de nosso José Maria:

CABO JOSÉ MARIA DA SILVA NICODEMOS

Não pequeno foi o nosso jubilo, por podemos rever o cabo José Maria da Silva Nicodemos, pertencente ao 11º RI.

Filho do snr. José Pereira da Silva e de sua d.d. esposa prof. Teodora Nicodemos da Silva, José Maria, ao partir para a velha Europa levou consigo um bocado do coração de nossa gente. Jovem, trabalhador e honesto, José Maria, por tudo isto, é muitíssimo apreciado pelo povo sanjoanense.

Chegado à nossa cidade, antes mesmo de rever o lar paterno, dirigiu-se ele, com toda sua família, os membros da comissão de recepção e os seus inúmeros amigos, à Igreja Matriz, onde, em preces fervorosas, agradeceu ao deus Todo Poderoso, o bem que a todos nos fez, restituindo-o ao seio de sua família.

Por essa ocasião, o Revmo Mons. Trajano Leal do Bomfim, nosso virtuoso vigário, deu-lhe a benção, bem como a todos os presentes.

Quarta-feira ultima, sua família mandou rezar na Igreja Matriz, de nossa cidade, missa em ação de graça, sendo celebrante o Rvmo Mons. Trajano, e à qual compareceu elevado número de pessoas, das que constituem o círculo de relações da família do Expedicionário.¹⁶

E assim foi para cada homem de São João Nepomuceno que chegava de sua participação junto ao Exército Brasileiro na 2ª Grande Guerra. Em lugares com maiores concentrações populacionais os febianos foram apenas vistos como parte de um todo homogêneo que tiveram seus méritos e foram bem recebidos pelo povo, mas que passado o êxtase inicial, foram sendo esquecidos. Para os sanjoanenses, cada um digno representante merecia os maiores elogios e atenções, não importando qual sua história na Força, se foi o combatente que esteve diretamente no front ou estava um pouco mais na retaguarda apoiando nas cozinhas dos batalhões.

A admiração pelos expedicionários foi tanta que antes mesmo do último sanjoanense retornar à cidade, já havia uma comissão formada para levantar fundos e promover a construção de um monumento em homenagem aos seus veteranos da Guerra. Antes, inclusive,

¹⁶ Cabo José Maria da Silva Nicodemos. **A voz de São João**, São João Nepomuceno, 07 Out, 1945, p.3.

dos monumentos que hoje em dia são mais conhecidos e foram erigidos em cidades mais importantes.

O carinho de toda uma população de uma pequena cidade mineira com os combatentes da FEB moradores locais, pode ser o retrato de como são estreitas e verdadeiras as relações de amizade que se mantiveram ao longo de todo o processo de participação dos brasileiros na Guerra. Atenções verdadeiras que foram reconhecidas pelos jovens soldados, que saíram de seu local em busca de um futuro melhor, foram em seguida arrastados para o maior conflito armado da História, desacreditados por muitas pessoas e voltaram como heróis para essa gente da pequena São João Nepomuceno, como agradece o sargento Lobão, em sua carta publicada em 21 de outubro de 1945:

A PEDIDOS AGRADECIMENTOS – AO NOBRE POVO SANJOANENSE

Francisco da Silva Lobão, sargento expedicionário, ainda sob a impressão magnífica acolhida que teve por parte das autoridades e do povo sanjoanense, por ocasião de seu regresso a este querido torrão, serve-se das colunas de “Voz de S. João” para externar seus agradecimentos.

Ao digno Prefeito Municipal, Dr. Francisco Zágari, pelas inúmeras gentilezas que lhe dispensou, aos membros da Comissão Pró Monumento ao Expedicionário Sanjoanense, enfim, a todos que lhe visitaram, o seu eterno reconhecimento. Faltaria ao seu dever de cidadão – e seria injusto – se deixasse de reconhecer que todos foram pródigos em proporcionar-lhe momentos os mais agradáveis e que ficarão eternamente debitados à sua gratidão.

Não encontrando palavras que possam bem traduzir o seu verdadeiro reconhecimento, diz, apenas com o coração – muito obrigado!

S.João Nepomuceno, 24 de setembro de 1945.¹⁷

Conclusão

A participação de soldados brasileiros na 2ª Guerra Mundial, oriundos de pequenas cidades do interior brasileiro foi uma necessidade do Exército para fazer frente aos diversos problemas surgidos durante a formação da FEB.

A cidade de São João Nepomuceno foi um exemplo disso. Quarenta e dois de seus jovens foram incorporados para lutar, número bem acima do que verificado em cidades maiores e até de regiões inteiras. Com isso, por meio de uma análise micro-histórica podemos verificar como a população, a partir da partida dos escalões para Itália, envolveu-se em atividades para apoiar seus soldados e suas famílias, procurando serem úteis, dentro de suas

¹⁷ A pedidos agradecimentos – ao nobre povo sanjoanense. Ib, 21 Out, 1945, p.3.

possibilidades, no esforço de guerra, mas, principalmente, sendo prestativos para aqueles que tinham uma ligação afetiva de amizade.

Verificamos que por meio do jornal *A Voz de São João*, a elite da sociedade, mas também pessoas simplórias, procuravam se informar das ações da Guerra e de como estavam seus amigos e conhecidos, além de se mobilizarem em prol deste apoio material e psicológico. A vitória final foi sentida como parte de uma responsabilidade de todos, bem como a perda de um de seus jovens foi lamentada por toda a comunidade.

O pouco que existe de positivo em uma guerra, talvez seja o sentido de união que promove em seu povo. A FEB não conseguiu fazer isso em todo o País, seu alcance não foi tanto por diversas razões. Na pequena São João Nepomuceno, no entanto, sua população, por causa da Guerra, fez a diferença.